



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Territórios, Agenciamentos, Deleuze, Guattari, G. H., Uma Barata e Clarice Lispector *Territories, Agencies, Deleuze, Guattari. G. H., a Cockroach and Clarice Lispector*

Eder Alves de Macedo¹

Resumo: Este artigo objetiva abordar o romance *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector, à luz da filosofia de Deleuze e Guattari. Não há o desejo de abarcar as multiplicidades do romance e da filosofia; entretanto, busca-se revelar possíveis pontos de agenciamento. Nesse sentido o trajeto da personagem G. H. é lido como um caminho entre rizomas, platôs, linhas de fuga, desterritorializações, reterritorializações, transversalidades, devires. E é dessa forma que o conceito deleuzo-guattariano de Literatura Menor agencia-se com componentes da obra de Lispector: a personagem, o discurso, o paralelismo bíblico, a barata, o fracasso da linguagem.

Palavras-chave: Agenciamento; Reterritorialização Fracassada; Deleuze e Guattari; *A paixão segundo G. H.*; Clarice Lispector.

Abstract: This article aims to approach the novel *The passion according to G. H.*, by the Brazilian writer Clarice Lispector, in accordance with Deleuze and Guattari's philosophy. The goal is not to approach the entire multiplicity of both the novel and the philosophy; nevertheless, it looks for exposing possible agency points between them. On this way, the course of the character G. H. may be read as a path among rhizomes, plateaus, escape lines, deterritorializations, reterritorializations, transversalities, becomings. Therefore, the philosophers' concept of Minor Literature agencies to elements of Lispector's piece: the character, the discourse, the biblical parallelism, the cockroach, the failure in language.

Keywords: Agency; Failed reterritorialization; Deleuze and Guattari; *The passion according to G. H.*; Clarice Lispector.

É exatamente através do malogro da voz que se vai pela primeira vez ouvir a própria mudez e dos outros e a das coisas, e aceitá-la como a possível linguagem.

A paixão segundo G. H., Clarice Lispector

De um lado, os franceses Gilles Deleuze (1925-1995) e Pierre-Félix Guattari (1930-1992) releem paradigmas e o próprio conceito de filosofia, de outro, a escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977) reconfigura modelos narrativos, a forma e o conteúdo

¹ Sou doutorando em Teoria, Crítica e Comparatismo e mestre em Literatura Brasileira, pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizo pesquisa nas áreas de Estética Literária, Subjetividade, Filosofia e Teoria Literária, assim, dando seguimento ao trabalho de minha dissertação, "Dos Limites da Existência: O Existencialismo em *A Paixão Segundo G. H.*, de Clarice Lispector". Possuo artigos e capítulos de livros publicados. Atuo como professor de Língua Portuguesa (40 horas) na EMEF Carlos Drummond de Andrade, no bairro Guajuviras, em Canoas/RS, em regime estatutário pela Prefeitura. Sou graduado em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Sou escritor e músico - vocalista e fundador da banda A Sorrowful Dream, desde 1998, com dois álbuns lançados, *Toward Nothingness* (2009) e *Passion* (2015).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

do romance, e constrói-se aquém de vigentes ideários estéticos, sociais e filosóficos de sua época no Brasil. Talvez esses não sejam pontos sobre os quais, de imediato, desenham-se congruências e compatibilidades entre os filósofos e a escritora; no entanto, é um postulado sobre o qual se intuem semelhanças.

E não há como negar que a ousadia de seu estatuto artístico garantiu à Lispector ser profícuo objeto de pesquisa. Este artigo, assim, fará uso dessa regra. De forma alguma se pretenderá abarcar a totalidade nem da filosofia nem do *corpus*, menos esgotar possibilidades de relações entre esses objetos. E em detrimento de possíveis análises errôneas ou de desvios hermenêuticos, este trabalho visa a ser um possível ponto de partida para pesquisas que, de fato, enriquecerão um arcabouço teórico da literatura brasileira, da obra de Lispector e da filosofia de Deleuze e Guattari.

São algumas suposições que fazem com que a literatura de Clarice Lispector seja passível de uma leitura à luz desses filósofos. Primeira: a literatura de Clarice pode ser *esquizo*. E, aqui, apreende-se que o termo *esquizo*, quando em concordância com Deleuze e Guattari, está anterior a conceitos da psicanálise freudiana e está como classificação de um processo de agenciamento múltiplo entre máquinas, entre desejos, entre corpos. Em Clarice, não há Édipo; se há, há pouco. Não se exclui por completo essa chave de leitura, mas, na medida em que se esgotam os elementos edipianos, vê-se que a diegese clariceana permite releituras, reestruturações, e exige, talvez, uma reconfiguração das ferramentas e das lentes da crítica. E, quem sabe, justifica-se a ótica *esquizo* a partir deste trecho da obra que será analisada, *A paixão segundo G. H.*: “Além do mais a ‘psicologia’ nunca me interessou. O olhar psicológico me impacientava e me impacienta, é um instrumento que só transpassa. Acho que desde a adolescência eu havia saído do estágio psicológico” (LISPECTOR, 1991, p.29).

Segunda: Clarice talvez seja uma literatura menor, com base nos quesitos que fizeram Deleuze e Guattari apreender Kafka como tal: “As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

coletivo de enunciação” (DELEUZE, GUATTARI, 2017, p.39). Por sua vez, Clarice, por seu amorismo literário com o qual sempre se rotulou, por ser ucraniana naturalizada no Brasil e por estar na contramão das tendências da literatura nacional – sua obra, por parte da crítica, classificada como “hermética” ou como “da categoria literatura feminina”²–, e carregar em si um componente estético-político, pode se tratar de uma literatura menor. Em *Kafka: por uma literatura menor*, os filósofos franceses afirmam que

Mesmo aquele que tem a infelicidade de nascer no país de uma grande literatura deve escrever em sua língua como um judeu tcheco escreve em alemão, ou como um ezbeque escreve em russo. Escrever como um cachorro que faz seu buraco, um rato que faz sua toca. E, para isso, achar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio dialeto, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto (DELEUZE, GUATTARI, 2017, p.39).

Essas são suspeitas - suspeitas que abrem um rol de possibilidades dentro tanto da obra de Lispector quanto da fortuna deleuzo-guattariana. Abrem um rol de possibilidades em que se façam urgentes as afirmações de que Clarice³ pode ser rizoma e/ou parte de um. Ela também pode ser devir, devir-animal, devir-molécula. Pode se tratar de uma máquina esquizofrênica: produtora e desejanse, acoplada, com agenciamentos maquínicos de corpos e agenciamentos

²De acordo com Olga de Sá, Álvaro Lins, no artigo “A experiência incompleta: Clarisse (*sic*) Lispector”, publicado em 1944, situa a obra recém publicada, *Perto do Coração Selvagem*, na categoria “literatura feminina” e atribui certas características do romance às questões próprias do temperamento feminino: o potencial de lirismo e o narcisismo. Além disso, Lins destaca, como forte característica clariceana, a “presença visível e ostensiva da personalidade da autora, em primeiro plano” (LINS apud SÁ, 1979, p.32).

³Não é relevante para este artigo apontar aspectos biográficos de Clarice Lispector. Interessam ao artigo aspectos imanentes do que, nesse momento, especula-se ser o “rizoma Clarice”. E interessa o que possivelmente fará com que ilustremos as relações da escritora com a obra de Deleuze e Guattari. Entretanto, pode ser válido apontar que, muito embora nascida em Tchetchelnik, na Ucrânia, em 1926, Clarice veio para o Brasil enquanto bebê, e sua família estabeleceu-se no Recife. Iniciou sua carreira literária aos dezessete anos quando publicou *Perto do Coração Selvagem* (1944), obra ganhadora de prêmios, apesar de controversa devido a seus aspectos inovadores. Durante sua vida, Clarice publicou mais de doze títulos, dentre eles, *O Lustre* (1946), *A Maçã no Escuro* (1961), *A Cidade Sitiada* (1949), *Laços de Família* (1960), *A Paixão Segundo G. H.* (1964), *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969), *Água Viva* (1972) e *A Hora da Estrela* (1977). Clarice faleceu em 1977 e deixou uma obra até hoje alvo de estudo da crítica, visto que seu estilo inovador e único é passível de inúmeras análises. Como Alfredo Bosi afirma: “Os analistas à caça de estruturas não deixarão tão cedo em paz os textos complexos e abstratos de Clarice Lispector que parecem às vezes escritos adrede para provocar esse gênero de deleitação crítica” (BOSI, 1987, p.479).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

coletivos de enunciação. Pode haver nela coágulos, superfícies, corpos sem órgãos. Talvez seja constituída de encaixes, sobrecodificações, extratificações, linhas de fuga, territorializações, desterritorializações e reterritorializações.

Será que G. H., personagem principal de *A paixão*, quando no quarto da empregada Janair, em determinado momento, é corpo sem órgãos que se reencaixa, agencia, estabelece linhas de fuga, desterritorializa-se e se reterritorializa?

Segundo Deleuze e Guattari,

Um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentes. Desde que se atribui um livro a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações. Fabrica-se um bom Deus para movimentos geológicos. Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, estratos, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.11).

Quem sabe, assim Clarice se trate da tipologia de um rizoma, do sucedâneo de uma multiplicidade, de imanência que seja uma experimentação de agenciamentos entre máquinas produtoras e desejanças, experimentação de devires, de acoplagens, de efeitos e afetos, e de linhas de fuga. Aqui, Clarice pode ser um rizoma, processo de acoplamentos, conexões, cadeias.

Num rizoma, [...] cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente os regimes de signos, mas também os estatutos de estados das coisas (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.11).

Será um rizoma, Clarice? Será anterior aos organogramas, às hierarquias, às genealogias e, em Deleuze e Guattari, principalmente, às árvores linguísticas de Chomsky? O rizoma é heterogêneo e, assim, seus acoplamentos são múltiplos e se estendem não a partir de um caule ou de uma raiz. “O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando ratos deslizam sobre outros” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.15). O rizoma



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

é o *a-priori* das árvores: aquém do que parte de uma raiz e de um caule, aquém das árvores evolutivas, das genealogias, da linguística, da psicanálise, do estruturalismo. É ramificação: é mapa, não decalque⁴, como uma

haste subterrânea distingue-se absolutamente de raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas. Plantas como raiz ou radícula podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.15).

Essa multiplicidade embebe, pois, em vertigem esta análise. Existe, com isso, a incapacidade de abarcar aqui todos os agenciamentos, as acoplagens, os bulbos, as hastes e os platôs que comporiam um tal rizoma Clarice. Nesse sentido, no romance e na filosofia, preocupam-nos as emergências e irradiações, leis do postulado comparatista (BRUNEL, 2004). Por isso, a despeito da sistemática, dos conceitos e da multiplicidade de Deleuze e Guattari, neste artigo se estará sensível a o que emerge e irradia das obras dos franceses e de *A paixão segundo G. H.*

Essa obra de Lispector é um *romance de personagem* – ou o que o filósofo francês Jean Pouillon, na obra *O tempo no romance*, chamaria de um *romance de duração*⁵–, em que a protagonista, e único personagem da trama, inicia a limpeza de seu apartamento. Logo no princípio, G. H., sigla cuja significação em nenhum momento é revelada, inicia a limpeza pelo

⁴“Toda lógica da árvore é uma lógica do decalque e da reprodução. Tanto da Linguística quanto na Psicanálise, ela tem como objeto um inconsciente ele mesmo representante, cristalizado em complexos codificados, repartido sobre um eixo genético ou distribuído numa estrutura sintagmática. Ela tem como finalidade a descrição de um estado de fato, o reequilíbrio de correlações inter-subjetivas, ou a exploração de um inconsciente já dado camuflado, nos recantos obscuros da memória e da linguagem. Ela consiste em decalcar algo que se dá já feito, a partir de uma estrutura que sobrecodifica ou de um eixo que suporta. A árvore articula e hierarquiza os decalques, os decalques são como as folhas das árvores” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.21).

⁵O romance de personagem, conforme Vitor Manuel de Aguiar e Silva, trata-se de um romance “propenso para o subjetivismo lírico e para o tom confessional, como sucede com o *Werther* de Goethe, o *Adolphe* de Benjamin Constant, o *Raphael* de Lamartine, etc. O título é, em geral, bem significativo acerca da natureza deste tipo de romance, pois é constituído, com muita frequência, pelo próprio nome da personagem central” (AGUIAR E SILVA, 1979, p.262). Os romances de duração, para Pouillon, são aqueles em que “pode haver uma descrição pura do tempo humano” (POUILLON, 1974, p.125); nesse sentido, nessas narrativas “o tempo deve ser captado justamente do interior, vale dizer, do presente; e jamais haverá arbitrário, pois todo presente definirá seu relacionamento com seu passado e com seu futuro, sejam eles quais forem” (POUILLON, 1974, p.127).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

quarto da empregada, Janair. Contudo, a limpeza de fato não se realiza: “Decidida a começar a arrumar pelo quarto da empregada, atravessei a cozinha que dá para a área de serviço. No fim da área está o corredor onde se acha o quarto. Antes, porém, encostei-me à murada da área para acabar de fumar o cigarro” (LISPECTOR, 1991, p.38).

Para G. H., surpreendentemente, o quarto de Janair está limpo. A partir daí, em um plano menos narrativo que do discurso⁶, principia-se um processo de investigação. O espaço passa a ser, então, território sobre o qual são realocados aspectos sociais, identitários e metafísicos da personagem. O quarto passa a ser, nos termos deleuzo-guattarianos, linha de fuga em um rizoma:

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segunda as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de remeter umas às outras (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.18).

G. H. estende-se como haste rizomática sobre a imanência do quarto: ele é uma margem, uma área limítrofe; é o espaço desconhecido em seu apartamento. No ensaio “A paixão segundo G. H.: uma leitura ideológica”, Solange Ribeiro de Oliveira efetua uma análise do político-social no romance de Lispector. A crítica se refere ao confronto de G. H. com os condicionamentos de sua classe social: mulher rica, sem filhos, solteira, financeira e emocionalmente independente. Em um dos pontos de sua análise, Oliveira salienta os aspectos subentendidos na descrição do quarto de Janair:

⁶ Aqui, cabe ressaltar a distinção entre narrativa e discurso porque no romance esse é um traço evidente e elemento que permeia dois objetos desta análise: conteúdo e forma. Assim, utiliza-se a elucidação de Maria Lúcia Dal Farra, em *O autor ensimesmado: o foco narrativo em Vergílio Ferreira*: “Denomina-se aqui discurso, o próprio tempo do ato de escrever, isto é, a situação estabelecida pela narrativa sobre o presente do narrador, a consequência das instigações que ela lança sobre o narrador. Há o passado que pertence à situação do personagem, e há um presente que pertence à situação do narrador. Quando há a percuciência deste passado sobre o presente, determinando reações ‘momentâneas’ no narrador, o tempo que se instaura, porque descoberto e resultante do ato de escrever – que o possibilitou –, é o do discurso” (DAL FARRA, 1978, p.60).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

O confronto simbólico entre a patroa e a doméstica começa quando, em vez ‘do amontoado de jornais e [...] sujeira’ (p. 33), G. H. se depara com um quarto impecavelmente limpo. Sua primeira reação é de ‘desagrado físico’ (p. 33). Como representante de sua classe, cuja identidade é definida pela propriedade, a patroa sente que a serviçal violou seus direitos de proprietária do apartamento. Janair encontrara um modo de afirmar-se como pessoa, conservando o quarto inesperadamente limpo (OLIVEIRA apud LISPECTOR, 1996, p.344).

Nesse agenciamento, o confronto de classe desterritorializaria as relações humanas, realocaria e tensionaria territórios, e, com isso, formaria novos territórios e novos planos de agenciamento, segundo Deleuze e Guattari. G. H e a figura de Janair, impressa no espaço e na limpeza do espaço, realocam um sentido imanente, desterritorializam-se e se reterritorializam. E, por isso, esse confronto consiste em uma

Conjunção de fluxos de desterritorialização, que transborda a imitação sempre territorial. É dessa maneira também que a orquídea parece reproduzir uma imagem de mosca, mas mais profundamente se desterritorializa nela, ao mesmo tempo em que a mosca, por sua vez, se desterritorializa acoplando-se à orquídea: captura de um fragmento de código, e não reprodução de uma imagem (DELEUZE e GUATTARI, 2017, p.29).

A despeito da ausência de Janair, G. H. captura seu fragmento de código e a antiga empregada emerge no tecido rizomático como agenciamento de enunciação: “Os traços – descobri sem prazer – eram traços de rainha. E também a postura: o corpo ereto, delgado, duro, liso, quase sem carne, ausência de seios e de ancas” (LISPECTOR, 1991, p.45). Destaca-se que os agenciamentos de enunciação não são representações, jamais são miméticos, mas, sim, novas negociações estabelecidas a partir de uma relação imanente, uma relação de contato; a saber, são um encadeamento *in loco* que se refere a uma negociação de códigos e acoplamentos: os códigos que compõem G. H. e Janair se acoplam e se agenciam e formam novos territórios à margem de um espaço de imanência. Não há a representação de um conflito, há um agenciamento e uma acoplagem em si em ação. Por isso, G. H. e a figura de Janair são território de agenciamento e linha de fuga – a desterritorialização é extrema:



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Da porta eu via agora um quarto que tinha uma ordem calma e vazia. Na minha casa fresca, aconchegada e úmida, a criada sem me avisar abriu um **vazio seco**. Tratava-se agora de um aposento todo limpo e vibrante como num **hospital de loucos** de onde se retiram objetos perigosos (LISPECTOR, 1991, p.40-41, grifo nosso).

A multiplicidade característica desse novo plano agencia códigos e enunciados desterritorializados. Essa nova conjunção desloca o signo: novos agenciamentos são propostos. O quarto da empregada, o “vazio seco”, o “hospital de loucos” implicam novas relações.

É nesse sentido que se apreende o conceito de *território* em todos os níveis possíveis: geográfico, psicológico, linguístico. Território é um conceito basilar da filosofia deleuzo-guattariana:

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p.323).

G. H. é um território. Janair é um território. O quarto é um território. O signo é um território. O discurso é um território. E há, neles, desterritorializações em muitos níveis:

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios ‘originais’ se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p.323).

E esses níveis integram uma multiplicidade que impede qualquer possível redução analítica da obra:

Um regime alimentar, um regime sexual regulam, antes de tudo, misturas de corpos obrigatórias, necessárias ou permitidas. Até mesmo a tecnologia erra ao considerar as ferramentas nelas mesmas: estas só existem em relação às misturas que tornam possíveis ou que as tornam possíveis (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.31).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

As formas literárias, portanto, são territórios de agenciamentos coletivos de enunciação; referem-se a um “regime de signos, a uma máquina de expressão cujas variáveis determinam o uso dos elementos da língua” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.32) que negociam, acoplam-se a multiplicidades e se desterritorializam. É dessa forma que o trajeto de G. H. é a desterritorialização gradual de territórios à medida que esses mesmos territórios são postos em superfície e são tecidos sobre novos planos a partir de novos agenciamentos coletivos de enunciação.

É válido, então, marcar elementos próprios do modo como os enunciados se dispõem e se organizam em *A paixão*. É o primeiro romance lispectoriano em primeira pessoa. A narrativa é em monólogo que, por momentos, e com o devido uso de travessões, é dirigido a um *narratário*⁷. O narrador-personagem apresenta esse interlocutor como alguém de quem ele segura a mão:

Enquanto escrever e falar vou ter que fingir que alguém está segurando minha mão
Oh, pelo menos no começo, só no começo. Logo que puder dispensá-la, irei sozinha. Por enquanto preciso segurar esta tua mão – mesmo que não consiga inventar teu rosto e tua boca (LISPECTOR, 1995, p.22).

Segundo o filósofo Benedito Nunes, em *O Drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*, a presença do narratário é, para G. H., necessária em vista do *esgotamento* do monólogo interior: a protagonista “inventa, para garantir a possibilidade da narrativa, a presença de um interlocutor imaginário, de quem finge segurar as mãos” (NUNES, 1989, p.78). Nunes define esse recurso como um estratagema contra a incomunicabilidade. Ele explica a necessidade de um interlocutor em face da extrema consciência de si da personagem: “o diálogo-a-um ou o monólogo-a-dois, na obra de Clarice Lispector, decorre do fechamento

⁷ “ – Perdoa eu te dar isto, mão que seguro, mas é que não quero isto para mim! toma essa barata, não quero o que vi” (LISPECTOR, 1991, p.61).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

monádico da consciência e, portanto, da subjetividade excessiva: o extremo da consciência de si” (NUNES, 1989, p.78).

Uma leitura à luz de Deleuze e Guattari permite que se apreenda esse aspecto narrativo como uma projeção da máquina da linguagem. Pôs-se em relevo uma característica interna e arraigada: a alteridade imbricada ao processo-máquina de linguagem. Houve, com isso, um agenciamento estrutura-conteúdo, em que um aspecto indissociável da linguagem (*o para-quem*), assim, emerge no tecido da enunciação. Um aspecto da estrutura da linguagem é agenciado ao nível do conteúdo a fim de enrijecer o processo máquina da linguagem.

O que é um agenciamento? É uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos, e que estabelece ligações, relações entre eles, através das idades, dos sexos, dos reinos – através de naturezas diferentes. A única unidade de agenciamento é de co-funcionamento: é uma simbiose, uma ‘simpatia’. O que é importante não são as filiações, mas as alianças ou as misturas; não são as hereditariedades, as descendências, são os contágios, as epidemias, o vento (DELEUZE, PARNET, 2004, p.88).

A estrutura da linguagem agencia-se ao conteúdo, este torna-se território e multiplicidade de conjunção: o discurso G. H. realoca suas engrenagens, sua máquina de expressão.

Muito embora os capítulos não sejam numerados, eles totalizam trinta e três. Olga de Sá⁸, em *Clarice Lispector: a travessia do oposto*, destacando os paralelismos entre o romance de Lispector e o texto bíblico, aponta para a congruência do número com a idade de morte e ressurreição de Jesus Cristo – idade na qual viveu sua *via crucis*, sua paixão: *transversalidade* possível com o percurso de G. H. Sá possui um amplo estudo em que evidencia os paralelismos entre essa obra e o texto bíblico, a começar pelo título:

A paixão segundo G. H. é nitidamente configurado sobre a conhecida expressão: “Paixão de Jesus Cristo segundo Mateus” ou “Paixão de Jesus Cristo segundo João”. A narrativa da

⁸ Cabe destacar que, embora estejam presentes e contribuindo para essa análise de *A Paixão*, nem Benedito Nunes nem Olga de Sá compartilham dos conceitos e dos preceitos de Deleuze e Guattari. Entretanto, visto que ambos são críticos consagrados da obra da escritora, seus posicionamentos e suas elucidações, aqui, são proposições indissociáveis do trajeto de G. H. e, por isso, também objetos dessa análise.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

“Paixão” é uma parte dos Evangelhos. Significa que os sofrimentos de Cristo são narrados como foram vistos ou conhecidos por seus discípulos. No caso de G. H., a paixão é da protagonista, narrada por ela mesma (SÁ, 1993, p.124).

De acordo com Deleuze,

A transversalidade é, portanto, a nova concepção linguística, a estrutura formal da obra, que atravessa toda a frase, vai de uma frase a outra por todo o livro, chegando até mesmo a unir o livro de Proust aos de que ele tanto gostava, como Nerval, Chateaubriand, Balzac... pois se uma obra de arte entra em comunicação com o público e, mais que isso, o suscita, se entra em comunicação com as outras obras do mesmo artista e as suscita, se entra em comunicação com outras obras de outros artistas suscitando-lhes o despertar, é sempre a mesma dimensão de transversalidade, em que a unidade e a totalidade se organizam por si mesmas sem unificar nem totalizar objetos ou sujeitos (DELEUZE, 2006, p.160-161).

Esse agenciamento e essa transversalidade sobrecodificam o signo “paixão”. O processo em si está nos agenciamentos, nas novas transversalidades e nos efeitos que se dão no curso do processo-trajeto discursivo da personagem. A transversalidade da “paixão” é um bulbo rizomático bastante rígido, um espesso agenciamento que carrega consigo a própria *via crucis*: a de Clarice, mulher ucraniana e judia no Brasil; a de Cristo, judeu, homem-símbolo filho de Deus, martirizado; a de G. H, mulher que limpa e investiga o quarto de Janair, a empregada.

O fato de a *fábula*⁹ e a *trama* não coincidirem, isto é, os acontecimentos no romance se darem no dia anterior à narração, não estabelece a dicotomia realidade e representação, ou uma ressonância da matéria vivida; sim, a produção de uma realidade: “é a obra de arte que produz em si mesma e sobre si mesma seus próprios efeitos, e deles se sacia, deles se nutre: ela se alimenta das verdades que engendra” (DELEUZE, 2006, p.145). G. H. assim revela esse processo:

Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei de criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o

⁹No plano formal da teoria do romance, “a fábula é definida por Tomachevski como ‘o conjunto de acontecimentos ligados entre si que nos são comunicados no decorrer da obra’” (D’ONOFRIO, s/d, p. 73). Grosso modo, de acordo com os formalistas, a trama se distingue da fábula no sentido de que esta é a descrição dos acontecimentos, a matéria bruta ficcional, e aquela é a forma pela qual o escritor dispõe essa matéria, a saber, a trama é a (des)organização da fábula. A saber, a fábula corresponderia à história; a trama, à narração.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação, meu único modo (LISPECTOR, 1991, p.25).

Esse agenciamento realoca, ou melhor, reterritorializa a matéria narrada. Existe uma desterritorialização absoluta própria do processo narrativo, portanto, do pensamento e da criação:

A desterritorialização absoluta refere-se ao pensamento, à criação. Para Deleuze e Guattari o pensamento se faz no processo de desterritorialização. Pensar é desterritorializar. Isto quer dizer que o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro. Dessa forma, da mesma maneira que os agenciamentos funcionavam como elementos constitutivos do território, eles também vão operar uma desterritorialização. Novos agenciamentos são necessários. Novos encontros, novas funções, novos arranjos (HAESBAERT, BRUCE, s/d, p.8).

G. H. reterritorializa na medida em que acopla o território vivido e subjetivo ao plano do território-máquina. A subjetividade desterritorializada é reterritorializada no signo, na narração e no discurso, a saber, na forma literária: reterritorialização pensamento-literatura, uma nova máquina. Com isso, nesse processo, G. H. é, existe: torna-se a partir do que se rompe entre máquinas que vão do experimentado à expressão.

Jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com dois termos: mão-objeto de uso, boca-seio, rosto-paisagem. E cada um dos dois termos se reterritorializa sobre o outro. De forma que não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua. Daí todo um sistema de reterritorializações horizontais e complementares, entre a mão e a ferramenta, a boca e o seio (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p.41).

A reterritorialização pensamento-literatura é um novo sítio, um novo agenciamento. A linguagem é o novo território do pensamento e de novas acoplagens: esses agenciamentos extremos e múltiplos se abrem como linhas de fuga na própria linguagem.

Ontem de manhã – quando saí da sala para o quarto da empregada – nada me fazia supor que eu estava a um passo da **descoberta de um império. A um passo de mim. Minha luta mais primária pela vida mais primária** ia-se abrir com a **tranquila ferocidade** devoradora dos animais do deserto (LISPECTOR, 1991, p.27, grifo nosso).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Os agenciamentos e as transversalidades “descoberta de um império”, “a um passo de mim”, “luta mais primária pela vida mais primária”, “tranquila ferocidade” são produtos da desterritorialização pensamento-literatura uma vez que são linhas de fuga que agenciam novos planos de matéria vivida, de subjetividade reterritorializada e de linguagem. Há uma imanência do novo que se recria como matéria agenciada: a linguagem se refaz e se retroalimenta a fim de dar conta de uma matéria experimentada que é intenso fluxo do novo, fluxo intenso de reterritorialização e agenciamento.

G. H. iniciou a organização do quarto. Após encontrar na parede o desenho de um casal nu e um cão¹⁰, e se questionar sobre quem seria Janair e sobre as razões que a teriam feito desenhá-los, o personagem se deparou com uma barata dentro do armário.

Então, antes de entender, meu coração embranqueceu como cabelos embranquecem.

De encontro ao rosto que eu pusera dentro da abertura, bem próximo de meus olhos, na meia escuridão, movera-se a barata grossa. Meu grito foi tão abafado que só pelo silêncio contrastante percebi que não havia gritado. O grito ficara me batendo dentro do peito (LISPECTOR, 1991, p.51).

G. H. fechou a porta sobre o corpo do inseto, que se dirigia para fora do armário¹¹. Um devir-animal: a barata é uma linha que, à margem, cruza G. H. Mas vale ressaltar que, em Deleuze e Guattari, o devir não possui papel representativo. Ele é um agenciamento concreto: “O devir é uma captura, uma possessão, uma mais-valia, jamais uma reprodução ou uma imitação” (DELEUZE, GUATTARI, 2017, p.29).

¹⁰ “E foi numa das paredes que num movimento de surpresa e recuo vi o inesperado mural. Na parede caiada, contígua à porta – e por isso meu ainda não o tinha visto – estava quase em tamanho natural o contorno a carvão de um homem nu, de uma mulher nua, de um cão que era mais nu do que um cão. Nos corpos não estavam desenhados o que a nudez revela, a nudez vinha apenas da ausência de tudo o que cobre: eram os contornos de uma nudez vazia. O traço era grosso, feito com a ponta quebrada de carvão. Em alguns trechos o risco se tornava duplo como se um traço fosse o tremor do outro. Um tremor seco de carvão seco” (LISPECTOR, 1991, p. 42-43).

¹¹ “Sem nenhum pudor, comovida com minha entrega ao que é o mal, sem nenhum pudor, comovida, grata, pela primeira vez eu estava sendo a desconhecida que eu era – só que desconhecer-me não me impediria mais, a verdade já me ultrapassara: levantei a mão como para um juramento, e num só golpe fechei a porta sobre o corpo meio emergido da barata” (LISPECTOR, 1991, p.57).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

O devir-barata, antigo e *inumano*, é, em G. H., mobilizador de um processo de *despersonalização*. A protagonista, gradualmente, vê-se não mais integrante de um mundo humano e *domesticado*. Acionou-se uma máquina: a barata, significante aquém de significados, introduziu G. H. no que há de anterior ao mundo humano, primeiro e indomesticado.

O mundo havia reivindicado a sua própria realidade, e, como depois de uma catástrofe, a minha civilização acabara: eu era apenas um dado histórico. Tudo em mim fora reivindicado pelo começo dos tempos e pelo meu próprio começo. Eu passara a um primeiro plano primário, estava no silêncio dos ventos e na era de estanho e cobre – na era primeira da vida.

Escuta, diante da barata viva, a pior descoberta foi a de que o mundo não é humano, e de que não somos humanos (LISPECTOR, 1991, p.73).

A escrita em si, para Deleuze, é devir: “É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (DELEUZE, 1997, p.11). É observado pelo prisma das multiplicidades, os devires surgem como linhas de fuga sempre à margem de platôs: “Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs.” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.33)¹². Nesse caso, o principal platô é uma ordem instituída, os mecanismos de controle impressos na máquina social, o *socius*¹³: a classe de G. H., a sua relação com a empregada, a sua profissão (artista plástica)¹⁴, a limpeza empreendida, a linguagem, sua humanidade. Existe a domesticação do espaço e esse platô é um polo gravitacional. Entretanto, é no limite de um platô que o devir-barata se torna potente linha de fuga: o inseto é uma abertura, um novo pacto, uma nova simbiose.

¹² “Chamamos ‘platô’ toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender o rizoma. Escrevemos este livro como um rizoma. Compusemo-lo com platôs. Demos a ele uma forma circular, mas isto foi feito para rir. Cada manhã levantávamos e cada um de nós se perguntava que platôs ele ia pegar, escrevendo cinco linhas aqui, dez linhas alhures” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.33).

¹³ “O problema do *socius* tem sido sempre este: codificar os fluxos de desejo, inscrevê-los, registrá-los, fazer com que nenhum fluxo corra sem ser tamponado, canalizado, regulado. Quando a máquina territorial primitiva deixou de ser suficiente, a máquina despótica instaurou uma espécie de sobre-codificação” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.51).

¹⁴ Olga de Sá, em *Clarice Lispector: a travessia do oposto*, faz uma interessante síntese de G. H.: “A personagem G.H.: mulher financeiramente independente, sem marido, sem filhos, que domesticara o seu viver. Sempre respeitara a beleza e sua moderação intrínseca, tivera medo do feio e do inestético” (SÁ, 1993, p.127).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

O devir é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança. Se a evolução comporta verdadeiros devires, é no vasto domínio das simbioses que coloca em jogo seres de escalas e reinos inteiramente diferentes, sem qualquer filiação possível. Há um bloco de devir que toma a vespa e a orquídea, mas do qual nenhuma vespa-orquídea pode descender (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p.19).

Nesse plano, G. H. e a barata são bloco de devir, uma *involução*:

Preferimos então chamar de “involução” essa forma de evolução que se faz entre heterogêneos, sobretudo com a condição de que não se confunda a involução com a regressão. O devir é involutivo, a involução é criadora. Regredir é ir em direção ao mesmo diferenciado. Mas involuir é formar um bloco que corre seguindo sua própria linha “entre” os termos postos em jogo, e sob as relações assinaláveis (DELEUZE, GUATTARI, 1997b, p.19).

Esse bloco de devir - essa involução - consiste em um novo agenciamento: uma desterritorialização. O devir-barata desterritorializa o signo e o torna um processo de contato com um bloco de apagamento do “eu” e do que é propriamente humano: um sentido de resgate de uma existência anterior ao *socius*. O devir-barata é uma linha de fuga que cruza a máquina social em direção a uma máquina primeira, uma máquina molécula. Benedito Nunes, no artigo “A experiência mística de G. H.”, realiza sua leitura sobre esse momento do romance:

O abismo para onde salta G. H. é o próprio abismo da existência, que nada sustenta. Sua participação primeira é no ser indiferenciado, espécie de substância spinozista, sem atributos e sem modos, e no entanto dotada de viva atualidade, puro *élan*, matéria-prima aristotélica, desenfreada, em estado de fusão, suscetível de receber qualquer forma, embora não sujeita a forma – maré, lama cosmogônica, caos anterior ao cosmo (NUNES, 1976, p.106).

Em G. H., o devir-animal é linha de regresso até um processo *a-priori*, um devir-molécula: “Pois o que eu estava vendo era ainda anterior ao humano” (LISPECTOR, 1991, p.89). Nesse momento, esse devir é, para o *socius*, ruptura:

Ah, será que nós originalmente não éramos humanos? e que, por necessidade prática, nos tornamos humanos? isso me horroriza, como a ti. Pois a barata me olhava com sua carapaça de escaravelho, com seu corpo rebentado que é todo feito de canos e de antenas e de mole cimento – e aquilo era inegavelmente a vida que até então eu não quisera (LISPECTOR, 1991, p.123).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Da linha fuga do *socius* também emerge a própria máquina da linguagem. O *socius* extrapola a si mesmo como máquina paranoica: território de registro de seu próprio processo. O “corpo rebentado que é todo feito de canos e de antenas e de mole cimento” da barata é um brutal agenciamento. Nesse sentido, a máquina da linguagem tanto se agarra ao *socius* quanto passa a não dar conta do platô do qual se distancia.

Com isso, o devir-barata se intensifica: G. H. põe o inseto na boca.

Até que a lembrança ficou tão forte que meu corpo gritou todo em si mesmo.

Crispei minhas unhas na parede: eu sentia agora o nojento na minha boca, e então comecei a cuspir furiosamente aquele gosto de coisa alguma, gosto de uma nada que no entanto me parecia quase adocicado, como o de certas pétalas de flor, gosto de mim mesma – eu cuspi a mim mesma, sem chegar chamais ao ponto de sentir que enfim tivesse cuspidado minha alma toda (LISPECTOR, 1991, p.170).

Olga de Sá analisa a ação da personagem à luz do ato cristão de comungar:

O cristão, ao comungar, acredita que participa do Corpo de Cristo, sendo por Ele assimilado. A comunhão planta na carne do homem corrompido a semente da ressurreição e da vida, segundo a promessa de Cristo [...].

Um fenômeno místico. O cristão é assimilado pelo Corpo de Cristo e Nele se transforma. Se Ele é Deus, como disse, e como crê o cristianismo, transcende o homem. Portanto, pela manducação da hóstia, o cristão é alçado, na medida em que lhe é permitido, à comunhão com Deus (SÁ, 1993, p.136-137).

Ao pôr na boca a barata, G. H. busca assimilar um elemento alheio ao mundo humano; há agenciamentos e transversalidades que eclodem em um movimento que se dá em revés. Conforme Sá, ocorre “a redução de personalidade de G. H. ao nível da pura matéria viva. Há a ‘despersonalização’, isto é, G. H. se perde como pessoa, para alcançar-se como ser e encontrar sua identidade, ao nível do puramente vivo” (SÁ, 1993, p.137).

Manducar a barata boca é o oposto a um percurso místico. G. H. não transcende (o que para Deleuze e Guattari seria impossível): seu devir a leva à busca de uma plena imanência. E é assim que reterritorializações se dão: a boca, uma vez desterritorializada na fala, reterritorializa-se no ato primeiro, no ato de comer: “Pois ser real é assumir a própria



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

promessa: assumir a própria inocência e retomar o gosto do qual nunca se teve consciência: o gosto do vivo” (LISPECTOR, 1991, p.156), “Por que teria eu nojo da massa que saía da barata? Não bebera eu do branco leite que é líquida massa materna?” (LISPECTOR, 1991, p.167); ao mesmo tempo em que é revelada a incomunicabilidade que antecede o *socius* e sua linguagem: “Mas é a mim que caberá impedir-me de dar nome à coisa. O nome é um acréscimo, e impede o contato com a coisa” (LISPECTOR, 1991, p.143).

Deleuze e Guattari discutem as particularidades dos devires-animais em Franz Kafka.

Destaca-se que, para eles, no escritor tcheco,

o devir-animal é uma potencialidade dotada de dois polos igualmente reais, um polo propriamente animal e um polo familiar. Vimos como o animal, com efeito, oscilava entre o seu próprio devir inumano e uma familiarização humana demais (DELEUZE, GUATTARI, 2017, p.71).

A afirmação é esclarecida a partir da novela *A Metamorfose*: “como a metamorfose de Gregor é a história de uma reedipianização que o leva à morte, que faz de seu devir animal um devir-morte” (DELEUZE, GUATTARI, 2017, p.71).

É inevitável comparar os devires-barata de Gregor Samsa¹⁵ e de G. H. Benedito Nunes o realiza:

Diferindo nas circunstâncias, na maneira de se realizar e nas suas implicações, em ambos os casos a metamorfose comporta imediata ou gradual destituição da práxis. O confronto com a barata leva GH, através do êxtase, a uma metamorfose interior que a desliga da sua cotidianidade; para Gregório Samsa, transformado em inseto, a metamorfose, apenas exterior, leva-o a um novo confronto com sua cotidianidade, da qual se acha completamente desligado. As situações são inversas e se completam. O personagem de Kafka debate-se contra o absurdo que o compromete e o separa do mundo humano, organização implacável a destruí-lo pouco a pouco. A personagem de Clarice Lispector encontra no absurdo de sua situação, a que cede opondo resistência, uma nova e angustiosa realidade que destrói o seu mundo humano. Do

¹⁵ “Certa manhã, depois de despertar de sonhos conturbados, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado de costas sobre a própria couraça, e ao erguer um pouco a cabeça enxergou seu ventre marrom, acentuadamente abaulado, com profundas saliências arqueadas, sobre o qual o cobertor, quase escorregando, estava prestes a cair. Suas muitas pernas, terrivelmente finas em comparação à largura do corpo, agitavam-se desamparadas diante de seus olhos” (KAFKA, 2002, p.7).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

confronto de GH com a barata resulta, portanto, a desagregação desse mundo (NUNES apud ROMANO, 2002, p.40-41).

Há diferenças entre os blocos de devir. Em Gregor, o devir-barata é linha de fuga que atravessa o *socius* somente pela morte. O contato inumano é oscilante entre a sua incomunicabilidade e as situações familiares edipianas. Samsa não aprofunda sua vivência inumana: seu devir-barata é engolido pelo *socius*. Por sua vez, o devir em G. H. cruza a máquina social e traz consigo a linguagem, que, por sua vez, integra o polo de representatividade do *socius*. Para tanto, o processo de reterritorialização, que começou pela “boca”, passa a degradar a linguagem em si.

A degradação da linguagem se dá de inúmeras maneiras. Benedito Nunes aponta para a recorrente repetição de palavras e a classifica como técnica de *desgaste vocabular*. Para ele, esse recurso possui como objetivo chegar a um esvaziamento semântico: “Tal efeito é semelhante àquele halo de estranheza que se pode obter repetindo vezes sem conta uma palavra banal qualquer: casa, monte, quietude etc.” (NUNES, 1976, p.138). Por isso,

De fato, a romancista, ora neutralizando os significados abstratos das palavras, ora utilizando-as na sua máxima concretude, pela repetição obsessiva de verbos e substantivos, emprega um processo que denominaremos técnica de desgaste, como se, em vez de escrever, ela *desescrevesse*, conseguindo um efeito mágico de refluxo da linguagem, que deixa à mostra o “aquilo”, o inexpressado (NUNES, 1976, p.137-138).

Em G. H., o desgaste vocabular visa à *expressão do inexprimível*:

Essa **coisa**, cujo nome desconheço, era essa **coisa** que, olhando a barata, eu já estava conseguindo chamar sem nome. Era-me nojento o contato com essa **coisa** sem qualidades nem atributos, era repugnante a **coisa** viva que não tem nome, nem gosto, nem cheiro (LISPECTOR, 1991, p.90, grifo meu).

A máquina-signo “coisa” agencia-se ao inexprimível e o emerge no tecido discursivo. A função dêitica dessa máquina suscita uma dimensão devir-molécula: linha de fuga para além do platô-humano, além do alcançável por uma máquina de expressão.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Ainda como máquina de linguagem e conseqüente *socius* degradados, pares antitéticos (“tudo” e “nada”, “vida” e “morte”, “inferno” e “paraíso”, “bom” e “ruim”), neutralizam carga semântica:

Meu reino é deste mundo... e meu reino não era apenas humano. Eu sabia. Mas saber disso espalharia a *vida-morte*, e um filho no meu ventre estaria ameaçado de ser comido pela própria *vida-morte*, e sem que uma palavra cristã tivesse um sentido... (LISPECTOR, 1991, p.128, grifo nosso).

E antíteses, oximoros e paradoxos marcam o processo de deterioração semântica. Esse processo acontece enquanto uma desterritorialização da linguagem ocorre em um território limítrofe para os agenciamentos coletivos de enunciação.

Naquele momento eu ainda não entendera que o primeiro esboço do que seria uma prece já estava nascendo do **inferno feliz** onde eu entrara, de onde eu já não queria mais sair. Daquele país de ratos e tarântulas e baratas, meu amor, que regozijo pinga em gordas gotas de sangue.

Só a misericórdia de Deus poderia me tirar da **terrível alegria** indiferente em que eu me banhava, toda plena.

Pois eu exultava. Eu conhecia a violência do **escuro alegre** – eu estava feliz como o demônio, o inferno é meu máximo (LISPECTOR, 1991, p.129, grifo nosso).

Como exemplo, os oximoros “inferno feliz”, “terrível alegria”, “escuro alegre” não são apenas desterritorialização da linguagem, mas também busca por reterritorialização: a implementação de uma máquina de linguagem que dê conta do inexprimível. Se, em algum momento, a máquina da linguagem visa a se reterritorializar tanto quanto os novos agenciamentos que se davam, esse novo território, distante do *socius*, é marcado pela degradação dessa máquina. Os oximoros e as antíteses, a técnica de desgaste vocabular são agenciamentos que corrompem a máquina da linguagem. Há um fracasso, assim, impresso nesse movimento:

A realidade antecede a voz que a procura, mas como a terra antecede a árvore, mas como o mundo antecede o homem, mas como o mar antecede a visão do mar, a vida antecede o amor, a matéria do corpo antecede o corpo, e por sua vez a linguagem um dia terá antecedido a posse do silêncio (LISPECTOR, 1991, p.180).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

A reterritorialização fracassada se dá na medida em que os devires barata e molécula suscitam linhas e agenciamentos que comprometem a estrutura da máquina linguagem. Por isso, o fracasso é suscitado:

A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso (LISPECTOR, 1991, p.180).

Uma vez que a máquina da linguagem reterritorializa a matéria viva, os devires, como linhas extremas de fuga, destituem a linguagem de seu *socius* – mesmo linguagem sendo *socius* –, e se dirigem ao limite de si mesmas. Os agenciamentos coletivos de enunciação são desmontados e remontados em prol de uma reterritorialização fracassada: o movimento de chegar ao inexprimível pela expressão de uma plena imanência – o devir-barata, o devir molécula. A linguagem, assim, atingiu o limite e o próprio dialeto a partir de seu fracasso.

É dessa forma que, como literatura menor, Clarice – ou, quem sabe, o rizoma Clarice – encontra seu próprio ponto de subdesenvolvimento: “Oh, Deus, eu me sentia batizada pelo mundo. Eu botara na boca a matéria de uma barata, e enfim realizara o ato ínfimo” (LISPECTOR, 1991, p.182). O processo que leva ao fracasso e ao “ato ínfimo” é *paroxismo* de um ato *menor*, em uma literatura menor, em que a “linguagem deixa de ser representativa para tender para seus extremos ou seus limites” (DELEUZE, GUATTARI, 2017, p.47).

Considerações finais

Apontou-se que a obra *A Paixão* se trata de uma Literatura Menor de acordo com alguns dos termos da filosofia de Deleuze e Guattari. No entanto, não se buscou, aqui, abarcar toda a filosofia dos franceses, a despeito do uso de bibliografia de diferentes épocas e tradições – fato que se dá por tanto a obra deleuzo-guattariana ser vasta, quanto bem



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

alicerçada e coerente. Entretanto, é sobre as possibilidades imbricadas às obras vistas que este texto versa. Assim, este artigo atua com a pretensão de promover uma nova chave de análise sobre as obras literária e filosóficas. O objetivo é não mais que encontrar e difundir novas leituras sobre rizomas ou platôs, as quais poderão se formar a partir de uma luz deleuzo-guattariana sobre *A paixão segundo G. H.*

Referências

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1979.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- BRUNEL, Pierre. O facto comparatista. In: *Compêndio de literatura comparada*. Org. Pierre Brunel, Yves Chevrel. Trad. Maria do Rosário Monteiro. Rev. cient. Helena Barbas. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. *O narrador ensimesmado: o foco narrativo em Vergílio Ferreira*. São Paulo: Ática, 1978.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Trad. Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo, Editora 34, 1997.
- _____. *O Anti-Édipo*. Capitalismo e esquizofrenia 1. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- _____. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto: Prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, s/d. v. 1.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Bruce. *A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari*. Universidade Federal Fluminense, RJ: Departamento de Geografia, s/d.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Trad. Calvin Carruthers. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* 16. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

_____. *A paixão segundo G. H.* edição crítica, Benedito Nunes, coordenador. 2. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.

POUILLON, Jean. *O Tempo no romance*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1974.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. *A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. Campinas, SP: Mercado de Letras ; São Paulo: Fapesp, 2002.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. São Paulo: Annablume, 1993.